



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

HILBER JOSÉ CAVALCANTE DANTAS

AXÉ BAHIA – MICARANDE, O CARNAVAL BAIANO DE CAMPINA GRANDE
(1989-2008)

CAMPINA GRANDE

2017

HILBER JOSÉ CAVALCANTE DANTAS

**AXÉ BAHIA – MICARANDE, O CARNAVAL BAIANO DE CAMPINA GRANDE
(1989-2008)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Licenciatura plena em História pela
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
licenciado em história.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Me. Bruno Rafael de
Albuquerque Gaudêncio

Campina Grande - PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D192a Dantas, Hilber Jose Cavalcante.
Axé Bahia - micarande, o carnaval baiano de Campina Grande [manuscrito] : / Hilber Jose Cavalcante Dantas. - 2017.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Micarande. 2. Festas populares. 3. Axé-music.

21. ed. CDD 981.33

HILBER JOSÉ CAVALCANTE DANTAS

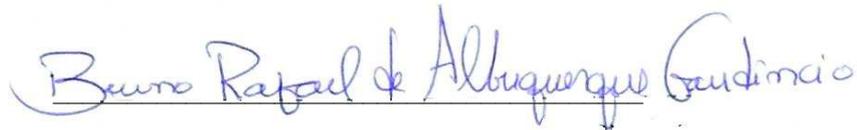
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: AXÉ BAHIA – MICARANDE, O
CARNAVAL BAIANO DE CAMPINA GRANDE (1989-2008)**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em história.

Área de concentração: Ciências Humanas

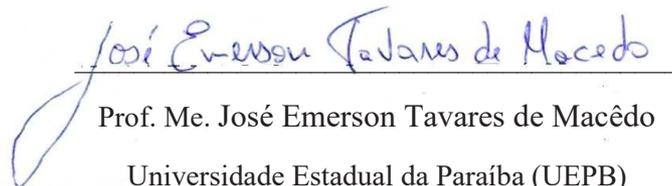
Aprovada em: 14/12/2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. José Emerson Tavares de Macêdo

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Matusalém Alves de Oliveira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AXÉ BAHIA – MICARANDE, O CARNAVAL BAIANO DE CAMPINA GRANDE (1989-2008)

Hilber José Cavalcante Dantas¹

RESUMO

Este trabalho tem como temática uma das festividades mais marcantes da história da Cidade de Campina Grande entre os séculos XX e XXI. A Micarande iniciou-se em 1989 ainda na gestão do então prefeito Cássio Cunha Lima e perpetuou exatos vinte anos até a administração de Veneziano Vital do Rêgo em 2008. O objetivo deste trabalho é apresentar as razões pelas quais a Micarande, micareta de Campina Grande – PB, conseguiu ser introduzida no cenário cultural e social da cidade no ano de 1989 pelo então prefeito Cássio Cunha Lima, bem como os motivos que levaram ao seu declínio e fim no ano de 2008 na administração de Veneziano Vital do Rêgo. Em suas especificidades o trabalho irá a partir de uma pesquisa bibliográfica e de sites ligados ao tema, apontar a conjuntura política da época que possibilitou a criação da festa, bem como as intencionalidades políticas e como a festa foi utilizada pelas lideranças da época para publicidade eleitoral. Por fim, fazer uma análise das mudanças culturais e sociais sofridas na sociedade campinense, as influências na música, no vestir e em tantos outros hábitos e normas de comportamento, a constituição da festa, o momento político e econômico que Campina Grande vivenciava, e acima de tudo, os aspectos culturais que permitiram o surgimento de uma festa tipicamente baiana em solo paraibano, além das principais mudanças sociais e culturais deixadas pela festa. Buscando fazer o caminho percorrido pela Micarande desde momentos que antecederam seu início, a constituição do mito cultural pertencente a Campina Grande, até o desgaste do ritmo Axé Music e conseqüentemente da festa.

Palavras-Chave: Micarande, Campina Grande, Axé-music.

1. INTRODUÇÃO

As práticas de populismo² político sempre estiveram presentes em nossa sociedade, a mistura de festas como carnaval, aniversário da cidade, padroeira entre outras, com a

¹ Aluno de Graduação em Licenciatura Plena em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: heddantas@gmail.com

² Populismo é uma forma de governar em que o governante utiliza de vários recursos para obter apoio popular. O populista utiliza uma linguagem simples e popular, usa e abusa da propaganda pessoal, afirma não ser igual aos outros políticos, toma medidas autoritárias, não respeita os partidos políticos e instituições democráticas, diz que

economia e política formam um traço da cultura brasileira. Campina Grande desta feita não ficou imune a tais influências, o São João, principal festividade local, fora alvo constante do interesse econômico e político, e a Micarande durante vinte anos também fora utilizada para tais fins, agora, uma inquietação sempre se fez presente, como uma festa tipicamente baiana, conseguiu ganhar força e ser introduzida na cultura local desta cidade? Que motivos levou ao campinense incorporar tal festa ao seu calendário? O número de foliões que ultrapassavam mais de 50 mil³ pessoas pelas principais ruas da cidade comprovam o sucesso da festa durante seus 20 anos, e acima de tudo, o que essa festa deixou para a cidade? Que práticas interculturais o axé music deixou para Campina Grande através da Micarande? Tais inquietações levaram-me a escolha do tema, compreendendo que tal tema se enquadra na história cultural e das cidades, no tempo presente, a Micarande é uma temática inovadora, pouco abordada pela historiografia, que tem início meio e fim, que deixou várias referências na sociedade campinense e vários registros documentais que podem ser pesquisados e trabalhados através desta pesquisa.

Muitos motivos são apontados como o real motivo da criação da festa, o principal deles, o interesse político e econômico do grupo político Cunha Lima e de empresários ligados aos mesmos. Campina Grande de fato acabou sendo a primeira cidade fora da Bahia a ter uma Micareta, carnaval fora de época, aos moldes do carnaval de Salvador – BA, trios elétricos na rua, as principais bandas do então ritmo Axé Music se tornaram as grandes estrelas da festa, Chiclete com Banana do vocalista Bell Marques, Asa de Águia do vocalista Durval Lelis, Além de Ivete Sangalo, Netinho, Timbalada e tantas outras atrações baianas se revezaram e comandaram a festa que dominou e tomou as ruas desta cidade por duas décadas.

A festa tinha como estrutura o símbolo do trio elétrico, aquele mesmo idealizado por Dodô e Osmar e melhorado por Wilson Marques, as bandas se apresentavam em cima desses grandes caminhões de som e arrastavam milhares de foliões divididos em blocos, os blocos mais famosos chegavam a contar com mais de 4 mil foliões que compravam abadás que custavam em algumas vezes valores próximos a um salário mínimo por três dias de festa.

é capaz de resolver todos os problemas e possui um comportamento bem carismático. É muito comum encontrarmos governos populistas em países com grandes diferenças sociais e presença de pobreza e miséria.

³ Número estimado a partir da quantidade de blocos, cada bloco poderia ter em média o máximo de 4 mil foliões, alguns ultrapassavam este número, no seu período áureo a Micarande contou com aproximadamente 10 blocos além da pipoca (termo designado aos foliões que não possuíam abadá e brincavam fora do bloco), camarotes e arquibancadas.

Inicialmente a festa tomou as ruas de Campina Grande, foi de fato uma vitrine para políticos da época, trouxe turistas a cidade e um pretenso crescimento, incremento financeiro a comerciantes formais e informais, gerando empregos direto e indiretos, porém, com o aumento da criminalidade, massificação da festa em outras cidades, vulgarização dos hábitos e costumes, a festa passou a ser atacada por jornalistas e sobretudo movimentos sociais e as igrejas. Empresários deixaram de investir na festa alegando diminuição do retorno e por fim, o então opositor do grupo Cunha Lima, assumiu a prefeitura da cidade numa das disputas mais acirradas da história da cidade, apenas 791 votos separou Veneziano Vital do Rego do segundo colocado Romulo Gouveia, então apoiado pelo grupo Cunha Lima, vitória esta que demarcou não apenas um novo momento político, mas também um novo ciclo social, econômico e cultural que culminou dentre outras coisas, no fim da festa chamada Micarande.

Seguindo uma linha a partir da pesquisa bibliográfica e ampla pesquisa em sites da época, este trabalho irá realizar uma arqueologia, trazendo desde os preparativos para a primeira Micarande, e, nos capítulos que seguem, o leitor poderá compreender os demais aspectos que influenciaram a constituição e fim da festa, sendo eles os fatores políticos, econômicos, segurança e sobretudo culturais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO – METODOLÓGICO

O presente artigo trata do estudo a respeito da Micarande, uma festa popular que ocorreu entre 1989 e 2008 na cidade de Campina Grande – PB. Este tema não seria possível ser discutido na academia, sem que antes, a historiografia tivesse passado por profundas mudanças teórico-metodológicas. O alargamento das fontes, bem como ampliação de novos temas no que tange a história das mentalidades, a história do tempo presente e assim, a história da música, deram ênfase e espaço, para que o historiador pudesse ampliar o espaço de trabalho, pudesse discutir temas ligados a história cultural.

Não podemos esquecer de mencionar a grande contribuição também da filosofia e antropologia para tais mudanças, o debate a respeito do discurso e da representação, a separação de verdade e verossimilhança. O filósofo Michel Foucault foi um dos primeiros pensadores a discutir profundamente a relação entre o saber e o poder e deixou uma contribuição inegável para o tema, trazendo essa discussão para as relações interpessoais, como a verdade pode ser construída de acordo com os interesses de quem possui

conhecimento e poder e assim como essa verdade se torna apenas um olhar distinto entre os vários olhares para um fato, qual a intencionalidade daquele discurso? Que recorte fora utilizado pelo historiador para sua pesquisa? Toda escolha esconde uma intencionalidade e as fontes históricas vão se moldando ao trabalho como um quebra-cabeça que toma formas diferentes a partir do olhar do historiador.

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado. (CHARTIER, 2002, p 16-17).

Para Chartier (2002) esse diálogo criado entre a história e as demais ciências sociais abriu espaço para que o historiador constituísse novos métodos de escrita e pesquisa, e o principal, exigiu do historiador novos olhares para seu objeto de estudo, se na Escola Metódica, dita positivista, a fonte histórica era vista como prova incontestada, na história cultural a fonte histórica faz parte da urdidura da obra, encaixando-se como uma obra de arte e formando um discurso, com intencionalidade. A estética do texto tão defendida por Michelet na escola romântica, volta à tona, a história cultural não vai dar tanta ênfase a cronologia dos fatos, tão pouco a história dos grandes homens, mas sim, a produção cultural dos povos, suas relações sociais e o contexto que esses fatos estão inseridos.

Nesta fase de transição teórica da historiografia, é bastante comum confundir-se entre a história da cultura ou das mentalidades e história cultural, sobretudo porque ela trabalham praticamente com os mesmos acontecimentos, porém, com um olhar e problemática totalmente diferenciado. Desta feita, Sandra Jatahy Pesavento contribui para esta discussão teórica buscando diferenciar história cultural de história das mentalidades e história da cultura, de maneira técnica e metodológica.

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, como o faz Ly nn Hunt, é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. (PESAVENTO, 2007, p 8).

Fica claro que a Nova História Cultural não é história da cultura propriamente dita, pois seu diálogo e problemática são diferenciados, o olhar do historiador está para a produção cultural e suas implicações no cotidiano e no comportamento e não apenas numa mera descrição dos acontecimentos e seus principais atores, assim, o diálogo com a Antropologia, Sociologia e por vezes até a Psicologia se faz necessário, afastando-se da economia e geografia por exemplo, não que esse afastamento seja total, mas deixar ao menos de ser o protagonista na nova historiografia.

Não mais a posse dos documentos ou a busca de verdades definitivas. Não mais uma era de certezas normativas, de leis e modelos a regerem o social. Uma era da dúvida, talvez, da suspeita, por certo, na qual tudo é posto em interrogação, pondo em causa a coerência do mundo. Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas. (PESAVENTO, 2007, p 9).

Nas palavras de Pesavento (2007), fica evidente que a história cultural segue o entendimento de que o olhar do historiador passa a ser crítico, e não apenas neutro como os metódicos defendiam, a história cultural não quer ser espelho do passado e verdade, quer ser mais um olhar, fazer o leitor pensar e duvidar daquilo que enxerga, a multiplicidade de discursos do mesmo acontecimento, do mesmo problema. Surge então novos conceitos para esta história e dentre eles, o conceito de imaginário, tão importante para a História Cultural.

Compreende-se então a ideia do imaginário como algo a ser levado em consideração, como parte da construção do fato e portanto, fundamental para seu entendimento. Conforme Pesavento (2007, p. 23) “Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. Desta feita, o tema em questão, se enquadra perfeitamente nesta linha historiográfica, pois não se resume a uma mera manifestação popular, a Micarande é uma produção cultural planejada e controlada por um determinado grupo político e empresarial, que visava o reconhecimento e o lucro respectivamente, mas, não apenas isto, não apenas os nomes e os valores serão levados em conta, mas a maneira como o povo recebeu a festa e adaptou-a ao seu cotidiano e a construiu em seu imaginário.

Em vinte anos de existência, a Micarande ditou moda e hábitos culturais na cidade de Campina Grande, porém, não foi determinante para a manutenção do poder daqueles que a constituíram, muito menos manteve os lucros esperados pelos empresários que investiram na festa, o povo foi protagonista do evento e a modificou levando ao seu fim, vivenciando experiências de vida que marcaram muito mais, do que propriamente o discurso do político, que, dentro da história cultural, fica em segundo plano, o objetivo não é evidenciar o sucesso

da festa e de seus idealizadores, mas produzir uma obra que apresente os vários discursos daqueles que de fato vivenciaram a festa, mostrando a polissemia de valores e olhares que constituíram a Micarande e que até hoje sobrevive no imaginário dos seus foliões.

Dentro da história cultural, abre-se um leque de possibilidades para sua escrita, as fontes se alargam e o historiador passa a selecioná-las de acordo com seu tema, para fazer um estudo a respeito da Micarande, foi preciso um esforço para compreender a importância e análise da música tocada na festa, o que ela traz e representa no contexto social, que signos ela traz consigo, para tanto busca-se conceitualmente, aportes que possibilitem trabalhar a música como fonte histórica, a música como representação, como discurso a ser estudado, mais à frente, estarei analisando duas canções as quais marcam o início da festa e depois sua mudança respectivamente. Nesta linha, antes é preciso abordar historicamente como consegui trabalhar a música dentro deste artigo.

Na segunda metade do século XX, as discussões sobre o alargamento das fontes históricas e novas correntes historiográficas passaram a ficar ainda mais intensas, a escola dos Annales e a corrente marxista alargou o entendimento e uso das fontes históricas, a história das mentalidades abriu um leque de possibilidades para o historiador dialogar com novos problemas e se aportar em novos diálogos, é neste contexto que a música entra como uma fonte histórica, como um produto cultural produzido pelo homem, devidamente enquadrado no tempo e espaço. No entanto, para se trabalhar com a música, é necessário seguir toda uma estrutura de análise, desta feita, a música serve de aporte historiográfico, desde que devidamente analisada, para tanto, é preciso diferenciar seus vários ritmos e estilos, sobretudo, percebendo a nuance entre a música erudita e popular.

Na música popular, seja ela instrumental cantada, o pesquisador defronta-se com o oposto. A não ser em alguns casos específicos, a partitura pouco traduz o que se ouve, chegando mesmo a não se delimitar as possibilidades melódico-harmônicas de uma canção ou peça instrumental(...). O problema principal para o pesquisador que quer articular a obra ao contexto social, é que muitos aspectos estéticos e culturais da canção não estão contidos na partitura, que, nesse sentido, serve principalmente para um análise da estrutura harmônico melódica, que, diante do complexo estatuto da canção, acaba sendo um análise parcial e nem sempre correspondente ao complexo sonoro que eu vimos no fonograma. (NAPOLITANO, 2008, p 270).

Marcos Napolitano (2008), vai buscar orientar o historiador a como trabalhar a música dentro de uma obra historiográfica, buscando criar um método científico para sua análise, fazendo primeiramente uma diferenciação entre os vários estilos e tipos de canção, depois fazendo um suporte técnico das partes da música propriamente dita.

Escolher o suporte material (fonograma ou partitura). Coletar a documentação para a análise tendo em vista o período, o objeto e a problemática da pesquisa. Delimitar historicamente o fonograma ou a partitura analisados. Empreender uma audição sistemática e repetida diversas vezes. Analisar letra, estrutura musical, sonoridades vocais e instrumentais, *performances* visuais e outros efeitos extramusicais (que são indissociáveis, mas devem ser decupados no momento inicial da pesquisa). Buscar, em seguida, o sentido da fonte musical na rearticulação desses elementos, formando uma crítica interna ampla. Anotar os registros objetivos e as impressões. Cotejá-los com o contexto extramusical (dados da biografia dos compositores, cantores e músicos; ficha técnica do fonograma; críticas musicais e textos explicativos dos próprios artistas envolvidos; dados de consumo da canção e outras informações que completem os sentidos intrínsecos que uma canção pode conter). Empreender a análise contextual. Mapear as "escutas" (crítica, público e os próprios artistas) que dão sentido histórico às obras musicais, apoiando-se nos materiais e na linguagem que estruturam cada peça musical. Cotejar as manifestações escritas da escuta musical (crítica, artigos de opinião, análises das obras, programas e manifestos estéticos etc.) com as obras em sua materialidade (fonogramas, partituras, filmes). (NAPOLITANO, 2008, p 281 - 282).

É neste momento, que percebe-se claramente a música como fonte histórica, como uma produção do homem cuja a nova história cultural abre meios para sua análise e estudo. A produção musical desta feita, não fica apenas resumida ao crivo da arte e estética, com o olhar do historiador, a música ganha outras vidas e é analisada socialmente dentro de um contexto e de um período específico, cabendo várias análises desde que, se respeite uma série de procedimentos o qual Pinsky relata em sua obra.

O sentido sociocultural, ideológico e, portanto, histórico, intrínseco de uma canção é produto de um conjunto indissociável que reúne: palavra (letra); música (harmonia, melodia, ritmo); *performance* vocal e instrumental (intensidade, tessitura, efeitos, timbres predominantes); veículo técnico (fonograma, apresentação ao vivo, videoclipe). (NAPOLITANO, 2008, p 271).

A música então converge com a história a partir do olhar crítico do historiador, que suspende a canção como uma representação de um fato, de um período, carregada de signos e compreendida dentro de uma temporalidade, contextualizada sendo parte fundamental de algo muito maior, em nosso caso, da festa, com a canção traz-se a forma de se vestir, as intencionalidades amorosas, as gírias próprias da festa, seus ídolos, seu público devidamente separado pelas cordas, arquibancadas e camarotes, denotando as classes sociais e sua devida participação na festa.

A música traz consigo todo o imaginário individual e coletivo devidamente representados em fotos e vídeos, lembranças de um passado nas suas mais diversas formas, trazendo à tona o sentimento saudosista de quem viveu a festa, bem como uma análise crítica daqueles que hoje compreendem aquele momento como ultrapassado e exagerado. A canção continua, mas seus significados se modificam de acordo com o olhar do historiador, mas esta

nova significação, será feita em seu devido momento, antes é preciso desenterrar arqueologicamente 1989 e remontar a origem da festa.

2.1 ORIGENS DA FESTA

A Micarande, carnaval fora de época da cidade de Campina Grande - PB, teve sua primeira edição ainda em 1989, festa constituída a partir de uma proposta cultural voltada para o estilo música conhecido por Axé Music, música esta vista como exemplo de estilo musical construída pela indústria musical e cultura de massa ou de mercado, voltado para atender a um mercado consumidor abrangente. A Micarande veio para consolidar um modelo de gestão que outrora poderia ser chamado por política de “pão e circo”, ou que poderíamos chamar atualmente no que se insere de “turismo de eventos”, com a finalidade de elevar os lucros do município atraindo turistas para a cidade. A Micarande não foi a única festa “criada” com tal objetivo, antes mesmo do carnaval foral de época, Campina Grande teria construído o “Maior São João do Mundo” sob a administração de Ronaldo Cunha Lima e ainda iria criar após a Micarande outro grande evento, “O Encontro para a Nova Consciência”, os dois últimos realizados na administração de Cássio Cunha Lima.

Para compreender como tal festa conseguiu ser inserida no calendário desta cidade, e perdurar por exatos vinte anos, será preciso remontar os primeiros passos da festa, sua construção como símbolo representativo de um governo e um político em especial, Cássio Cunha Lima. O “menino de campina”, como era conhecido o então prefeito de Campina Grande, era filho do ex-prefeito Ronaldo Cunha Lima, ambos mais tarde chegariam ao cargo de governador da Paraíba, Ronaldo fora prefeito de 1983 a 1989, como principal legado para a cidade, Ronaldo inaugurou o Parque do Povo, uma grande praça que abrigaria os principais eventos da cidade e remodelou totalmente as festividades juninas transformando-a naquilo que seria chamado de Maior São João do Mundo

A partir do ano de 1983 assume a prefeitura de Campina Grande, Ronaldo José da Cunha Lima. A história da passagem desse político no governo do município constrói, nos discursos e na prática da festa, um divisor entre o que era a festa antes e depois de Ronaldo. Aclamado e festejado como pai, o idealizador do evento “O maior São João do Mundo”, é na sua administração que a festa de São João assume a asserção de um espetáculo e a perspicácia e astúcia do citado administrador e de seus prepostos permitem a utilização da festa como um excelente instrumento de construção de Estratégias, de táticas e de correlações de força em busca e continuidade do poder. (LIMA, 2012, p 49).

Para a professora Elizabeth Christina de Andrade Lima, Ronaldo Cunha Lima não só é o idealizador do São João em seu formato atual que conhecemos, como é também a figura política que primeiro passa a utilizar da festa para constituir estratégias de força e continuidade de poder, desta feita, fica evidente que Ronaldo não pensou apenas em transformar o São João de Campina numa festa grandiosa e lucrativa. Ronaldo também pensou em como poderia perpetuar sua imagem e construir um discurso que pudesse levá-lo ao posto mais alto da política paraibano, o governo do estado.

A família Cunha Lima se utilizou das festividades juninas para dialogar com o povo campinense, excelente orador, o poeta e administrador de Campina Grande buscou perpetuar-se no poder através de seu filho Cássio, era preciso para conseguir seu objetivo de ser governador, eleger antes seu sucessor para a prefeitura desta cidade, Cássio venceu com folgas através de um discurso muito bem elaborado pelo seu pai de que Campina necessitava de sua proteção para continuar crescendo, que o São João era patrimônio do povo e que poderia acabar caso Campina Grande voltasse para as mãos de seus opositores, sendo assim, Cássio era a solução, filho de Ronaldo, Jovem, deputado federal atuante, tudo estava pronto para sua sucessão. Esta visão também é defendida pelo professor Wagner Germiniano dos Santos:

Com este discurso sedutor e o enunciado que o articula a estratégia movida por sua família. Ronaldo colocava em prática e no campo de batalha as principais armas que usaria para governador em 1990. Armas estas que se constituíam nas mesmas armas usadas na campanha de Cássio para prefeito. Ou seja, a veiculação de enunciados que diziam da necessidade da eleição de Ronaldo para a proteção e engrandecimento de Campina, de suas festas e de seu povo, para que a cidade não fosse mais vítima da perseguição dos governos estaduais e de seus prepostos. Ronaldo iria se apresentar naquelas eleições como o guardião e protetor da cidade, do povo e de suas festas. E nesta direção, nem ele nem seu filho não desperdiçavam nenhuma oportunidade de assim se apresentarem, principalmente nas ocasiões que estavam envolvidas “o povo de campina”, toda a mídia local e a cidade metamorfoseada em festa, como ocorreu na abertura do “Maior São João do Mundo” de 1990 quando Cássio se pronuncia da seguinte forma. (SANTOS, 2008, p 170).

Santos (2008) exalta a habilidade de pai e filho se utilizarem das festas como palanque eleitoral, a construção da imagem de defensores da cidade e de sua cultura, cultura essa inteiramente ligada com os eventos “criados” por eles, para Ronaldo Cunha Lima ficou o legado do “Maior São João do Mundo”, para Cássio Cunha Lima era necessário criar também um evento não menos grandioso, a Micarande.

A Micarande seria a princípio uma festa que viria pra suprir uma lacuna de um grande evento no calendário campinense do primeiro semestre, acreditava-se que o turismo seria uma das formas de impulsionar a economia, este por sua vez poderia ser explorado através das belezas naturais ou por um calendário recheado de eventos, Campina Grande pela falta de grandes atrativos paisagísticos, acabou levando seus administradores a investir no turismo de eventos. Porém, o que seria uma festa aos moldes do carnaval baiano realizada após o período da quaresma, (entre março e abril), logo acabou por substituir de vez o velho carnaval tradicional de Campina Grande e se tornar como o único carnaval da cidade. Para suprir o espaço deixado pelo carnaval, Cássio Cunha Lima foi além e criou outro evento de caráter ecumênico chamado “Encontro para Nova Consciência”.

Desta maneira, Campina Grande ganhava uma nova roupagem administrativa voltada para os eventos, com um calendário específico onde as principais datas do ano estariam sendo atendidas por algum evento que teria a marca “Cunha Lima” em sua assinatura. Estrategicamente, os três eventos ocorrem até o meio do ano, período que antecede as eleições e que o político pode de maneira velada fazer discursos políticos e auto promoção de sua imagem, uma vantagem política contra seus opositores que se limitavam apenas a fazer campanha no período legal antecedente as eleições. Calendário que começa com o Encontro da Nova consciência no período do carnaval, logo após a quaresma entre março e abril seria a Micarande e então como ponto alto o São João em Junho.

No entanto, se Ronaldo Cunha Lima teve certa dificuldade em levar o São João dos bairros, onde a festa era mais popular, para o Parque do Povo onde a festa ganhara contornos mais elitistas, Cássio Cunha Lima iria travar batalha semelhante com a Micarande, onde o administrador buscou abafar o antigo carnaval da cidade, simples e popular, para impor a Micarande como única expressão carnavalesca da cidade em um período diferente do tradicional.

E para instituir de forma definitiva o evento de Micarande como o carnaval da cidade, um carnaval moderno, ressignificado, tanto que ocorria “fora de época”, Cássio não poupou esforços, passando por cima dos interesses que julgava contrários aos seus objetivos, e fazia isto muitas vezes de forma autoritária, violenta, arbitrária. Como ocorre em 1991 quando decide acabar de forma unilateral e por decreto com as festas de carnaval, na data convencional, na cidade. Com esta atitude Cássio retirava do calendário de eventos de Campina Grande um evento que julgava depauperado, desorganizado e principalmente não condizente com a imagem, com os discursos e as práticas que sua família queria inerentes a cidade e ao seus povo. Além disto, o mesmo tentava se eximir e eximir seu governo de qualquer responsabilidade para aqueles que continuassem a realizar o carnaval na cidade. (SANTOS, 2008, p 180).

O projeto estava lançado, a receptividade por parte da população estava garantida graças ao bom relacionamento da família Cunha Lima com os principais meios de comunicação da cidade e sobretudo, ao respaldo e popularidade que Ronaldo tinha com o povo, sobretudo após o sucesso que o Maior São João do mundo obteve. Os empresários aprovaram a festa, a troca de um carnaval popular e pouco lucrativo com uma festa privada e com forte apelo turístico agradou aos donos de lojas, hotéis e principalmente, donos de bares, restaurantes e produtores de festas e eventos tradicionais da cidade que passaram a investir na festa com bastante força.

Em 1989 a festa tem seu início ainda bastante tímido, mas em pouco tempo ganha força e estrutura e já nos anos seguintes surgem os primeiros blocos pagos os quais se tornariam a tônica da festa. Os primeiros blocos foram o Galo de Campina, Spazzio e Batata, capitaneados pelos artistas Netinho, Bell Marques e Durval Lelis, então vocalistas das bandas Beijo, Chiclete com Banana e Asa de Água⁴. O bloco Galo de Campina era o mais tradicional e onde se encontrava as personalidades da cidade, inclusive Ronaldo Cunha Lima e Cássio Cunha Lima, o engajamento perfeito entre o político e o povo. Os donos dos blocos eram empresários que possuíam ligação estreita com a família Cunha Lima, entre eles o mais famoso seria Luiz Augusto, dono da casa de show Spazzio e que sempre deixou claro seu bom relacionamento com a prefeitura de Campina Grande, é importante destacar o nome deste empresário, pois, Luiz Augusto alterou de maneira profunda o mercado de eventos de Campina Grande, fora sua casa de show que passou pouco a pouco a trazer atrações musicais do Axé Music e de outras expressões culturais de mercado, assim, levando a falência seu principal concorrente na cidade, a casa de shows e eventos Forrock, que buscava ofertar atrações mais voltadas para a MPB, Pop, Rock e o Forró tradicional. A estrutura estava formatada e a cada ano ganhava mais investimentos e o espaço popular gratuito era

⁴ Essas três bandas representantes do Axé Music, surgiram entre o final da década de 70 e 80, a banda Chiclete com Banana se tornou a mais importante delas, ainda no final da década de 70, o vocalista Bell Marques se uniu a seus irmãos e amigos e fundou uma banda Show Baile chamada Scorpius, mas logo percebeu a expansão do Axé Music e migrou para o novo estilo, modificou o nome da banda influenciado por uma música de Jackson do Pandeiro e passou a se chamar Chiclete com Banana, tocando em vários carnavais, Wilson Marques, irmão do vocalista Bell Marques, trouxe grandes contribuições para o carnaval baiano, pois este, ajudou a melhorar o trio elétrico inventado por Dodô e Osmar, transformando-o, em um verdadeiro palco móvel que depois foi incorporado como um modelo para todas as bandas e blocos. Até hoje a banda Chiclete com Banana existe, porém, com nova formação, já que o âncora da banda atualmente faz carreira solo. Já a banda Beijo surgiu como bloco carnavalesco no ano de 1988 e teve vários músicos e vocalistas ao longo de sua existência, o principal integrante da banda sem dúvida alguma fora o vocalista Netinho, que a partir de 1992 saiu da banda para carreira solo. A banda Asa de Águia liderada pelo vocalista Durval Lelis surge também neste contexto no final da década de 80, inicialmente era uma banda de Rock e tinha como nome Asa de Urubu, mas logo também se rendeu ao Axé Music e passou a tocar músicas de Carnaval.

diminuído, não demorou para a construção dos primeiros camarotes e arquibancadas no parque do povo e ao longo do “corredor da folia”, a festa estava montada.

Podemos entender como a Micarande foi constituída dentro do calendário de eventos campinense, porém, as consequências sociais que essa ruptura cultural causou na cidade pôde-se começar a perceber ao longo dos anos, sobretudo ao fim da década de 90, entretanto, para chegarmos a este ponto de discussão, é preciso primeiramente nos debruçarmos no tocante à como esse ritmo baiano conhecido por Axé Music conseguiu ganhar força e se enraizar em nossa cultura.

2.2 LEGADO SOCIAL E CULTURAL

Axé Bahia, não é apenas parte do título deste artigo, mas o nome de um dos programas de rádio que lideraram a audiência na cidade de Campina Grande – PB, entre os anos de 1992 à 2000. O programa era produzido pela Rádio Correio 98 FM e representava não apenas mais um programa voltado a cultura da música baiana, mas acima de tudo, o referencial cultural para milhares de jovens campinenses. Axé Bahia influenciou gerações, constituiu da Micarande uma das principais festas da cidade, consolidou empresários e abriu espaços para políticos e artistas.

Fica evidenciado, que a vida útil do programa, representou também o período áureo da festa, que se iniciou em 1989 e chegou a sua última edição em 2008. O Locutor desta rádio e programa, o senhor Josinaldo Ramos, ainda no ano de 2013 concedeu-me uma longa conversa e entrevista, e este premiado locutor lembrando o tempo em que apresentava o programa Axé Bahia na rádio 98 FM, em suas palavras, externalizou todo seu descontentamento já na época em ter que apresentar um programa que renegava a cultura local e alienava a juventude exaltando a cultura do Axé Music, segundo Josinaldo Ramos, após muitas discussões dentro da rádio, enfim ele conseguiu convencer aos produtores a acabar com o programa no ano de 2000, segundo o locutor, esse foi um dos maiores legados que ele deixou para a nossa cidade, Josinaldo afirma ter sido ele o locutor que levantou a bandeira do fim do programa e de fazer uma crítica a festa de maneira pioneira na cidade.

Mas, o que de fato aconteceu nesses 10 anos de festa, para a Micarande deixar de ser uma das maiores festas populares da cidade e talvez a maior festa popular do Nordeste, já que

a Micarande era uma festa reproduzida em várias outras cidades dentro do segmento “Micareta fora de época”⁵? Esta pergunta começa a ser respondida a partir do momento que nos debruçamos na análise das transformações que a Micarande trouxe pra Campina Grande e que o Axé Music trouxe para a própria cultura baiana, pois tal ritmo não modificou apenas a relação de Campina Grande com seu povo, mas do próprio carnaval baiano e sua cultura Afrodescendente.

Francisca Kelly Gomes Cristovam em sua dissertação de Mestrado, trabalhou na sua obra, *“Campina Grande se veste com as cores da emoção e se mostra com a cara da alegria”*: práticas do espaço e das artes de amar na festa da Micarande” as influências amorosas que a Micarande proporcionou à cidade, como as pessoas passaram a se relacionar, a vulgarização do beijo, a liquidez das relações e a mudança de hábitos trazidas com o ritmo envolvente do Axé Music

Nessa sociedade “líquida” e “hiper” as novas experiências no amor podem ser conquistadas somente por um dia ou por instantes, em intensidade de sentir-se bem e da não vigilância constante por parte de familiares. (CRISTOVAM, 2012, p 79).

Letras de rima fácil, coreografias de passos simples, roupas confortáveis e curtas, o ritmo envolvia, tudo parecia conspirar a favor daqueles que estavam na festa. A Micarande não se resumia a apenas um estilo musical, mas a todo um conjunto de signos e representações que começavam a construir um estilo de vida e práticas sociais, sendo externalizadas através das roupas, adornos e mais profundamente em novas gírias e expressões de linguagem⁶. A Campina Grande que se apresentava antes conservadora, recatada, os valores familiares defendidos pelas igrejas, sobretudo as católicas, agora estavam ameaçados por uma festa que trazia aquilo que mais amedrontava aos cristãos, o tambor baiano com seu batuque acelerado, trazia nas letras de suas canções os deuses africanos, contava a história de um povo marginalizado, e tais canções perturbavam a tradicional família católica de Campina Grande.

⁵ Micareta Fora de época foi o nome dado as festas realizadas aos moldes do carnaval de Salvador/BA fora da capital baiana, as Micaretas se espalharam por todo o nordeste e alcançaram também o Sudeste do país, o trio elétrico baiano, os abadás e toda a estrutura de arquibancadas e camarotes enriqueceram a indústria musical baiana, na Paraíba, as Micaretas ocorreram nas principais cidades como Campina Grande, Patos, Sousa, Cajazeiras, na capital João Pessoa dentre outras.

⁶ Vários artistas utilizavam bordões que acabaram sendo incorporados a fala dos campinenses, Bell Marques, vocalista do Chiclete com Banana sempre citava a frase “tira o pé do chão galera!”, Já Durval Lelis, líder da banda Asa de Água falava “Que galera é essa meu irmão!”, tais expressões passaram a serem corriqueiras no cotidiano dos jovens foliões, sobretudo, a palavra galera, que em sua expressão erudita significaria embarcação, mas que na gíria baiana significava povo, multidão, turma.

Em sua fase inicial, o Axé Music respeitou suas raízes e deu bastante ênfase ao Afro-reggae, Samba-reggae e o fricote, artistas como Luiz Caldas⁷, conhecido como pai do Axé Music, Olodum e Chiclete com Banana dominaram o cenário musical do carnaval baiano de 1980 até 1990. Uma das músicas que melhor representa essa fase inicial do axé music seria *Faraó Divindade do Egito*, música que trata da herança cultural africana em nosso país.

**Faraó Divindade do Egito
Olodum**

Deuses! Divindade infinita do universo
 Predominante esquema Mitológico
 A ênfase do espírito original
 Shu! Formará no Éden um novo cósmico
 A Emersão! Nem Osiris sabe como aconteceu
 A Ordem ou submissão do olho seu
 Transformou-se na verdadeira humanidade
 Epopeia! do código de Geb
 Eu falei Nut
 E Nut Gerou as estrelas
 Osiris! Proclamou matrimônio com Isis
 E o mau Seth irado o assassinou
 E impera Horus levando avante
 A vingança do pai derrotando o império do mau Seth
 Ao grito da vitória que nos satisfaz
 Cadê? Tutacamom
 Hei Gize! Akhaenaton
 Hei Gize! Tutacamom
 Hei Gize! Akhaenaton
 Eu falei Faraó Êeeeeh Faraó!
 É! Eu clamo Olodum Pelourinho
 Êeeeeh Faraó! É!
 Pirâmide base do Egito
 Êeeeeh Faraó!
 Que Mara Mara Maravilha Êh!
 Egito, Egito Êh!
 Faraó ó ó ó Ó!

A composição de Luciano Gomes e interpretada por Margareth Menezes foi lançada em 1987, primeiramente como single e depois sendo inserida em vários LP's da cantora e de outros artistas que a regravaram, esta canção marca o auge cultural do Axé Music, uma produção rica em elementos da negritude baiana, o candomblé, as dificuldades do pelourinho,

⁷ Luiz Caldas nasceu em 24 de junho de 1963 na cidade de Feira de Santana – BA, é um músico e cantor baiano que deu início ao movimento musical que mais à frente seria intitulado Axé Music, suas canções fizeram sucesso em todo o Brasil nas décadas de 80 e 90, inclusive uma das suas principais canções intitulada Tieta, fora tema da abertura de uma novela global de mesmo nome lançada em 1989, seu ritmo característico era o Fricote, uma ramificação do samba reggae com a lambada e outros ritmos caribenhos, Luiz caldas levou o Axé Music para os demais estados do nordeste e sudeste, abrindo o mercado midiático para outros artistas baianos do mesmo segmento.

a Bahia negra e marginalizada que mostra através de sua música e sua dança a resistência cultural.

As músicas de samba Reggae permearam o início da Micarande em seus primeiros anos, com a temática bem definida de protesto contra o governo, contra a pobreza e desigualdade social, destacando a importância do negro e da miscigenação do povo brasileiro para a formação do nosso país. Esta proposta inicial do Axé Music, foi muito bem aceita pelos campinenses, sobretudo pelas camadas mais populares que viram na festa uma oportunidade de expressão e diversão gratuita, lembrando que, a Micarande em seus primeiros anos, não tinha o apelo comercial e privado que veio a ter anos mais tardes, era comum as pessoas se pintarem e brincarem na festa sem o abadá, que nos primeiros anos da festa, ainda era conhecido como mortalha⁸.

A cidade crescia abruptamente e os problemas sociais surgiam na mesma proporções, favelas (comunidades) passaram a fazer parte do cotidiano dos campinenses e as músicas baianas acolhiam este público, rapidamente os campinenses foram substituindo o forró tradicional que falava dos problemas de outrora como a seca e a fome, para então passar a cantar as músicas baianas que retratavam os problemas atuais da cidade. É neste momento onde o São João também sofre mudanças drásticas nas atrações artísticas e passa a incorporar como atrações principais, bandas como Mastruz com Leite, Eliane, Magníficos, Cavalo de Pau e Calcinha Preta, bandas representantes de um Forró mais elétrico e com canções mais românticas e menos voltadas para a temática anterior que era a seca nordestina. Mudança esta, também refletida no carnaval baiano, onde, pouco a pouco, a música de protesto foi perdendo espaço uma temática mais leve, de exaltação da Bahia e dos sentimentos aflorados pelas relações afetivas.

A Micarande não atacou apenas os laços afetivos das famílias campinenses, mas alterou também suas relações religiosas, de crença e fé, o candomblé tão discriminado pelas famílias tradicionais, passou veladamente a ser entoado nos blocos, nas ruas, nas casas⁹, a história do Egito silenciada nos livros de história durante décadas, acabou sendo revelada em

⁸ Era o nome dado a vestimenta obrigatória que os foliões utilizavam e servia para diferenciar aqueles que podiam brincar dentro das cordas do bloco, daqueles que iriam ficar fora das cordas. Com o passar do tempo a mortalha foi substituída pelo abadá, roupa mais leve, composta por short e camiseta.

⁹ Várias músicas e trechos de músicas mencionam a religião da Umbanda e Candomblé, estas músicas eram amplamente cantadas pelo público que em sua maioria, sequer percebiam tais referências, são exemplos destas referências as músicas Rumba de Santa Clara (Chiclete com Banana), Maimbê (Daniela Mercury), Dandalunda (Margareth Menezes) entre outras.

meio a uma pretensa festa carnavalesca, até a data da Micarande se tornou motivo de discórdia entre empresários e a igreja, que exigia o respeito a Quaresma não permitindo a realização da festa neste período. Os valores tradicionais da família campinense representados pela igreja católica e suas várias escolas confessionais¹⁰ estavam seriamente maculados pela festa, a Micarande deu espaço para que os jovens mais respeitados da sociedade pudessem desfrutar da liberdade, dos amores fortuitos e passassem a realizar seus desejos mais reprimidos, bebida, sexo, brigas, pequenos furtos, traição, mentiras, ressaca física e moral, paixões, tristeza, alegria, euforia, decepções, tudo escondido atrás do trio elétrico, tudo na penumbra de um percurso de quase 5 quilômetros¹¹, que saía em frente ao Shopping Partage, (antigo shopping Iguatemi) e seguia até o Parque do Povo em seu ponto máximo, para findar-se as margens do Açude Novo na dispersão, onde já esperava onde hoje se encontra a Integração de transporte público, um palco com bandas de forró, já para convidar os foliões a retornarem para a cidade do Maior São João do Mundo no mês de Junho.

Este percurso durava cerca de cinco horas e representava quase cinco quilômetros de alegria, tristeza e também segregação. O bloco, o camarote, a arquibancada, as casas e prédios espalhados pelos principais cartões postais da cidade separavam os ricos, a classe média, dos pobres e miseráveis. Bem verdade, o abadá escondia até certo ponto as diferenças sociais, a roupa igual que todos vestiam dentro do bloco psicologicamente igualava pobres e ricos e ali dentro, pelo menos durante aquelas cinco horas, o pobre conseguia se inserir no universo da classe média campinense, eram quase todos iguais ao som do Axé, e que vontade de beijar a todos, quantos (as) puder beijar, conquistar aquilo que apenas a Micarande poderia permitir conquistar, pois a partir de sexta tudo seria possível, como um sonho, e num pesadelo, a segunda-feira tudo voltaria ao normal, a velha e pobre rotina.

¹⁰ Estas escolas tradicionais de Campina Grande tinham como maiores expoentes a escola Virgem de Lourdes conhecida por Lourdinias, escola esta onde foi educado o então prefeito Cássio Cunha Lima e a escola Imaculada Conceição, conhecida por Damas. Lourdinias e Damas representavam o padrão ideal de educação e valores do cidadão campinense, sobretudo, os de classe média e alta, realidade diferente da periferia onde estudavam em sua maioria na escola Estadual Elpídio de Almeida, conhecida por Gigantão da Prata. Estas escolas formaram a maioria dos jovens de Campina Grande e a partir delas, se produziu parte da identidade do jovem campinense.

¹¹ Era comum os furtos e assaltos durante a festa, bem como a embriaguez e brigas. Tanto que cada bloco era obrigado a ter uma ambulância para acompanhar o percurso da festa, o bloco Spazzio chegou até a fechar uma parceria com o plano de saúde Unimed para que seu folião durante os dias de festa, pudessem usar a estrutura da Unimed para atendimento especializado. Um dos fatos mais trágicos desta festa, ocorreu no ano 2000 onde um jovem morreu vítima de disparos de arma de fogo dentro do bloco Spazzio, tal bloco foi condenado a pagar uma multa de 60 mil reais à família. Fonte: <https://stj.jusbrasil.com.br/noticias/118945/empresa-tera-de-indenizar-pais-de-jovem-morto-em-bloco-de-micareta>

Concomitantemente ao espetáculo imbuído de magia, grandiosidade e tecnologia, a Micarande tornou-se sinônimo de desigualdade, exclusão, violência, preconceito, controle, manipulação e outros tipos de conflitos que induzem a demências e banalização da barbárie, através de suas territorialidades, do início do percurso (denominado “circuito da Folia”, na Avenida Brasília) até o local da apresentação e fixação dos blocos (o “Corredor da Folia”, no Parque do Povo) definidas por divisão de classes sociais de acordo com o poder de consumo de cada folião, através de cordões de isolamento, arquibancadas e camarotes. A exceção das territorialidades dos “pipoqueiros”, todos os demais espaços da festa demandavam a compra de seus ingredientes: o espaço VIP nas arquibancadas e camarotes, o abadá (a vestimenta do grupo musical-empresarial), a bebida, a segurança, enfim tudo aquilo fornecido pelo mercado. Com espaços “inclusivos” e “exclusivos”, a Micarande muitas vezes suscitava ressentimentos que em muitas ocasiões, descambavam para a violência física, moral, ética, além de financeira. (LIMA, 2011, p 16).

Fica evidente que para Francisco Denílson Santos de Lima em sua dissertação *A Micarande e suas Territorialidades: de Fábrica de Sonhos à Barbárie (Pós) Moderna*, que a festa se distanciou de seu projeto inicial, transformando sonhos em pesadelos, que por trás dos beijos e abraços, da pretensa homogeneidade, do colorido e da música, existia o conflito, a discriminação, o capitalismo selvagem e que, dialogando com minha ideia descrita anteriormente, aquele jovem que buscava se afirmar na sociedade, entre seu grupo de amigos, no trabalho, na faculdade, em seu bairro, em todos os espaços sociais, este abria mão de todas suas reservas financeiras e até morais, para poder se inserir na festa, seja através da compra de um abadá, de um espaço na arquibancada ou no camarote. Esta expressão de autoafirmação social, ficava claro mesmo depois do fim da festa, era comum ver as pessoas usando as camisetas do abadá nas ruas, assim como também bonés, bolsas e outros brindes e objetos adquiridos durante a festa.

Para que tenhamos noção de tão grande era a “alienação social”, existia um comércio de abadá usados após a festa, essas camisetas eram vendidas em frente aos Correios na Praça da Bandeira, camisetas estas disputadas e as vezes até vendidas como artigos de luxo e compradas fãs e até por pessoas que não podendo comprar o abadá e sair na festa nos blocos, queriam uma recordação da festa e pelo menos, como prêmio de consolação, utilizar essas camisetas no dia-a-dia, encontrava-se tais camisetas sendo largamente usadas em outras cidades, nas praias, como se estas camisetas (abadás) fossem camisas do time de coração, que identificava preferências musicais e status social.

A Micarande torna-se símbolo do capitalismo cultural, ou simplesmente da cultura de massa campinense, todos estavam direta ou indiretamente afetados, os mais jovens, estes mais vulneráveis, perderam a referência musical, seus hábitos mudados, totalmente alterados por

uma festa que apesar de durar 3 dias oficialmente, conseguia se fazer presente na televisão, no rádio e em jornais e revistas praticamente o ano todo. Em algumas épocas a exploração da música baiana era ainda maior, os comícios se tornavam prévias carnavalescas, a Banda Chiclete com Banana mais uma vez era disputada entre os políticos da região e o período eleitoral era marcado por disputas eleitorais e culturais, quem conseguiria trazer as melhores bandas, os melhores shows, o nome showmício passou a ser popularizado e nesta disputa o atual Senador Cássio Rodrigues da Cunha Lima levou grande vantagem.

Então criador da festa na sua primeira gestão como prefeito da cidade, Cássio sempre teve boa relação com as bandas baianas, usou muito bem a festa para se promover politicamente, subindo em todos os trios elétricos, discursando, a Micarande era seu palanque em época de eleição e as atrações não poupavam elogios ao então jovem prefeito. Tais atrações se repetiam em seus showmícios e desta feita ficava clara as referências políticas na festa e nos demais eventos da cidade, era impossível ouvir a voz do cantor Bell Marques e separá-la da figura política de Cássio, esta atração fez vários shows para o grupo Cunha Lima, seja em campanhas políticas, seja em inaugurações de obras, uma delas, o Viaduto Elpidio de Almeida, situado no final da avenida Floriano Peixoto, marcou a cidade, a união da espetacularização da festa, do povo e dos interesses políticos, diziam que, o viaduto só estaria devidamente aprovado, se suportasse a multidão de fãs do então já governador Cássio Cunha Lima e da Banda Chiclete com Banana, idolatrados na cidade.

Segundo relatos da Polícia Militar, em outubro de 2007, mais de 30 mil pessoas compareceram à inauguração do Viaduto, este está servindo a cidade até hoje, mesmo que não da maneira mais eficiente, já que não contribuiu como se esperava para a diminuição do trânsito na avenida canal, um erro de projeto que passou despercebido inicialmente pela população, em meio aos sucessos da Banda Chiclete com Banana, o povo esqueceu de ver a funcionalidade do Viaduto, mas não perderam um só momento da festa e cantaram todas as músicas como se ali fosse uma prévia da próxima Micarande, não sabia o povo campinense que seria a última festa aquela que viria no ano seguinte.

2.3.1 O FIM DA FESTA – FATORES ECONÔMICOS

Em 2009, o então prefeito Veneziano Vital do Rego anunciava o fim da Micarande, os motivos alegados pelo prefeito era o do alto investimento municipal sem a contrapartida do

Estado, aliado ao déficit das contas do município, em resumo, o Município não tinha condições de arcar com as despesas da festa que já não atraía mais tantos patrocinados e nem contava com o apoio do governo estadual. Não há como negar os fatos, fica marcado o governo de Veneziano Vital do Rêgo como o responsável pelo fim da Micarande, porém os fatores que determinaram tal decisão e os acontecimentos que se sucederam até o anúncio em 2009 merecem serem mais explicitados.

Houveram vários fatores que suscitaram o fim da festa, porém, neste artigo, exploro quatro elementos que juntos se complementam e explicam o fim da Micarande, são eles: Fatores econômicos, políticos, segurança e por fim culturais. Vejamos como cada um influenciou para o fim da festa.

Ainda em 2006, o então presidente da Câmara dos Dirigentes Lojistas de Campina Grande – CDL, José Arthur de Melo Almeida, entregava um documento oficial da CDL onde reivindicava o fim da Micarande, para o Lojista, a festa já não trazia mais retorno financeiro para o comércio local.

Na concepção do presidente da CDL, há cinco anos a Micarande não deixa divisas econômicas para Campina Grande, devido à realização de carnaval fora de época em outras cidades, o que gera uma grande evasão de turistas. Segundo Artur Almeida, o evento está desgastado e exige um elevado investimento por parte do Governo do Estado e da Prefeitura Municipal, a exemplo da edição 2006, que tem custo estimado em quase um milhão e duzentos mil reais. A sugestão da entidade é que seja realizado um fórum de discussões para debater a viabilidade e o impacto econômico da Micarande na cidade, para, após minucioso estudo, a festa ser reestruturada ou privatizada, como aconteceu em outros centros, a exemplo de João Pessoa, Recife, Caruaru... (reportagem extraída do site www.clickpb.com.br, 21/03/2006 às 14:42).

A fala do presidente da CDL deixa claro que a Micarande já não trazia mais um incremento financeiro para os comerciantes da cidade desde 2001, há de se destacar que na Micarande realizada em 2000 houve um homicídio dentro de um dos blocos que marcou negativamente a festa, assunto este que será abordado em seu devido momento; obviamente, os fatores estão interligados, sejam motivos culturais, políticos, econômicos ou de segurança pública, neste caso especificamente, não há como negar a queda de divisas da festa, de patrocinadores e de público, os estudos realizados pela CDL apontavam isso. O fato é que mesmo em 2006 já sendo ventilada a possibilidade do fim da festa, a Micarande ainda teve mais três edições nos anos de 2006, 2007 e 2008 respectivamente.

Outro aspecto econômico importante fora o monopólio dos blocos, o empresário Luiz Augusto Nóbrega, dono da casa de show Spazzio, passou pouco a pouco a controlar também

as principais atrações da festa, o mesmo já contava com o principal bloco que levava o nome de sua casa de show e era liderado pela banda Chiclete com banana, depois no final da década de 90 passou a contar também com outro bloco principal que era até então seu principal concorrente, o Bloco Côco Bambu era liderado pela banda Asa de Águia que até então tocava no bloco Batata, o bloco Côco Bambu houve outra fusão com a artista Ivete Sangalo esmagando toda e qualquer tipo de concorrência, Luiz Augusto Nóbrega passava a controlar as três principais atrações do Axé Music, os blocos pequenos não conseguiam concorrer com as atrações oferecidas por Luiz Augusto Nóbrega e vários blocos foram deixando de existir, como exemplo o bloco Pike capitaneado por Netinho, banda Beijo e Timbalada, Alô Você com as atrações Araketu, Jamil e uma Noites e Banda Eva, Baku Baku puxado pela Banda Cheiro de Amor, Coiote Maluco com a atração Ricardo Chaves, dentre muitos outros.

Ainda trazendo fatores econômicos, em janeiro de 2009, o então coordenador de comunicação da prefeitura municipal de Campina Grande, Kennedy Sales, concedeu entrevista comunicando o adiamento da festa.

A Micarande 2009 não acontecerá mais em abril, como de praxe, segundo Kennedy Sales (coordenador de Comunicação da Prefeitura Municipal de Campina Grande). A festa somente se realizará no segundo semestre, provavelmente no mês de outubro coincidindo com o aniversário da cidade, dia 11, mas a definição desse calendário depende ainda de uma reunião com os donos de blocos que, por sua vez, dependem da agenda das atrações da festa. O cancelamento da Micarande deve-se a crise financeira que atinge os cofres municipais. (Reportagem extraída do site <http://rpscom.blogspot.com.br>, 06/01/2009 às 14:42).

Em janeiro de 2009 a prefeitura municipal de Campina Grande adia a festa, que normalmente era realizada em abril, e que seria provavelmente realizada em outubro de 2009, como sabe-se, a festa em 2009 não se realizou e 2009 configurou-se como o ano do fim da Micarande, a alegação oficial da prefeitura fora a dificuldade financeira.

2.3.2 O FIM DA FESTA – FALTA DE SEGURANÇA

A Micarande de 2000 fora marcada por um evento lamentável, onde um jovem foi assassinado dentro do bloco mais tradicional da cidade. O bloco Spazzio tinha como atração a banda Chiclete com Banana, era o bloco mais caro e que possuía o maior número de foliões, cerca de 4 mil foliões em números oficiais e quase o dobro disso em números não oficiais. Tal acontecimento serviu de alerta as autoridades públicas e o acontecimento juridicamente levou

ao dono do bloco, o empresário Luiz Augusto Nóbrega a ser condenado a pagar uma indenização de 60 mil reais aos familiares do jovem assassinado

A Spazzio Promoções e Eventos Ltda. terá de pagar indenização por danos morais no valor de R\$ 60 mil aos pais de um adolescente da Paraíba, morto aos quinze anos de idade, em razão de disparo de arma de fogo ocorrido no interior do bloco carnavalesco Spazzio, durante a Micarande (espécie de carnaval fora de época em Campina Grande) de 2000. A Terceira Turma do Superior Tribunal de Justiça não conheceu do recurso da empresa, mantendo a decisão anterior que reconheceu falha na prestação dos serviços de segurança oferecida pelo bloco. (Reportagem extraída do site: stj.jusbrasil.com.br, 2008).

No final da década de 1990, a Micarande dava sinais de que apresentava problemas no tocante à segurança, furtos, assaltos dentro e fora dos blocos, se tornara comum as pessoas deixarem pertences mais valiosos em casa e ir para a festa apenas com o abadá e uma quantia em dinheiro suficiente para as despesas da noite, o veículo próprio substituído pelo táxi, mototáxi, ou por vans alugadas, os blocos passaram a substituir a mortalha pelo abadá, que depois, fora aperfeiçoado e passou a contar com 3 camisetas, uma para cada dia da festa, dificultando a ação dos marginais.

O assassinato dentro dos cordões do bloco Spazzio serviu de estopim para uma série de críticas nas rádios e um debate intenso entre os foliões, que em número significativo era formado por jovens que dependiam financeiramente dos pais, e que estes pais preocupados com a segurança de seus filhos passavam a duvidar da capacidade da prefeitura, dos blocos e da própria polícia em garantir a segurança dos foliões durante a festa.

Os blocos passaram a obrigatoriamente fornecer serviço de saúde móvel com ambulância em cada bloco, o Spazzio contratou a empresa Unimed para fornecer plano de saúde para seus foliões durante o período da festa. Também deve-se pontuar que grande parte do efetivo policial para a festa era deslocado de outras cidades, sobretudo da capital João Pessoa para complementar o efetivo de Campina Grande, este efetivo vindo de outras cidades dependiam do governo do estado, das relações políticas existentes entre o prefeito e o governador, além claro, da própria particularidade do serviço de segurança pública e da logística de deslocamento.

2.3.3 O FIM DA FESTA – QUESTÕES POLÍTICAS

O ano de 2004 fora marcado por uma disputa intensa pela prefeitura de Campina Grande entre o PMDB liderado pelo então senador José Targino Maranhão e o PSDB liderado pelo então governador Cássio Cunha Lima. Estes dois grupos políticos lançaram os candidatos Veneziano Vital do Rêgo e Rômulo Gouveia respectivamente como candidatos à prefeito desta cidade. A exposição dos problemas da cidade além da estagnação econômica devido a um período de cerca de 20 anos de domínio político do grupo Cunha Lima foi o principal argumento que Veneziano Vital do Rêgo utilizou em sua campanha; Já Rômulo Gouveia buscou enfatizar o legado deixado por seus antecessores e criticou duramente o ex governador e então senador José Targino Maranhão acusando de ter perseguido a cidade e que os problemas pontuais de Campina Grande se deviam ao grupo opositor. Veneziano Vital do Rêgo venceu as eleições por uma margem mínima de 791 votos em um universo de 203.009 (duzentos e três mil e nove eleitores).

Esta disputa política ficou ainda mais acirrada quando em 17 de fevereiro de 2009, o então governador da Paraíba Cássio Cunha Lima, deixa definitivamente o cargo através de um processo de cassação de seu mandato permitindo assim que seu principal opositor José Targino Maranhão assumisse o governo, naquele mesmo ano Veneziano anunciaria o fim da Micarande, é importante destacar que este processo de cassação foi extremamente desgastante para ambos os grupos políticos, até a decisão final do supremo tribunal federal, a Paraíba viveu meses de insegurança política, o que interferiu na economia e no cotidiano da população de maneira geral.

O fato é que em 2009, nunca o grupo liderado por Cássio Cunha Lima esteve tão fragilizado, tanto que o fim da Micarande sequer contou com uma oposição forte e articulada na câmara de vereadores, muito pelo contrário, como já apresentado neste artigo, políticos e empresários ligado ao próprio grupo Cunha Lima sugeriram o fim da festa como foi o caso do presidente da CDL José Arthur de Melo Almeida e o então vereador Romero Rodrigues Veiga, hoje, este atual prefeito desta cidade.

O presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Campina Grande, José Artur Melo de Almeida, entregou nesta terça feira ao presidente da Câmara Municipal, vereador Romero Rodrigues, uma pauta reivindicatória da classe lojista contendo três pontos ligados ao crescimento econômico do município, um deles é fim da Micarande, o carnaval fora de época realizado há 15 anos na cidade. (Reportagem extraída do site www.clickpb.com.br, 21/03/2006 às 14:42).

Ironicamente, coube ao então presidente da câmara municipal de Campina Grande, Romero Rodrigues Veiga, pertencente ao partido PSDB, a missão de apresentar as

reivindicações dos lojistas de Campina Grande ainda em 2006, com o pedido para o fim da festa ao então prefeito Veneziano Vital do Rêgo, ambos iriam duelar pela prefeitura de Campina Grande no ano de 2016, onde Romero Rodrigues, primo de Cássio Cunha Lima, seria consagrado mais uma vez prefeito desta cidade, reeleito, exatamente contra seu principal adversário político.

Fica evidenciado através dos fatos narrado que as motivações políticas, mesmo que relevantes, acabou não sendo determinantes para o fim da festa, ventilou-se a possibilidade de que Veneziano Vital do Rêgo tivesse extinguido a festa para diminuir a força política do grupo rival, acabar com um marco que exaltava a força de Cássio Cunha Lima e o grupo liderado pelo mesmo, porém, tais fatos explicitados nos dar a entender que no tocante ao fim da festa, havia um certo consenso entre os dois grupos, pelo menos em parte do grupo liderado por Cássio Cunha Lima fica evidenciado o interesse em acabar com a festa.

2.3.4 O FIM DA FESTA – ASPECTO CULTURAL

Este é sem dúvidas o aspecto mais complexo a ser explanado, como já mencionado no capítulo 3.2 deste artigo, a Micarande passou por um processo de mudança em sua perspectiva de produto a ser oferecido para o mercado consumidor, o Axé Music fora remodelado para atender um mercado consumidor bem maior do que aquele público da década de 1970 e 1980, o carnaval baiano se transformou em uma indústria musical com uma estrutura itinerante com arquibancadas, camarotes, trios elétricos e as músicas de protesto e exaltação à herança afrodescendente foram perdendo espaço para as letras de rima fácil e de temática mais simples. Um exemplo evidente desta mudança percebemos na música de nome Dança da Manivela, gravada pela banda Asa de Água, composta por Jou Batá no ano de 1998, contida no disco *Na veia ao vivo*.

Dança da Manivela
 Dança da Manivela
 Eu fui perguntar pra ela meu amor [meu amor]
 Se a dança da manivela ela topou (bis)
 Dizendo que aqui tá quente
 Assim tá frio
 Muito quente, tá frio
 Aqui tá quente, aqui ta frio
 Muito quente, tá frio
 Pega no dedinho dela
 Pega no joelho dela
 Pega na coxinha dela
 Sobe mais um pouquinho

Pega no rostinho dela,
 Pega no peitinho dela
 Pega no umbigo dela,
 Desce mais um pouquinho
 Dança da Manivela
 Dança da Manivela

Esta música deixa evidente o erotismo e o incremento das coreografias que as principais bandas do segmento Axé Music passaram a adotar. Em 1995 a banda Gera Samba, que depois passaria a se chamar *É o Tchan* inovou ao trazer para o trio elétrico todo o erotismo da dançarina Carla Peres e letras bastante sensuais, o ritmo mudou um pouco e o Axé se misturou ao Samba, inicialmente criticados, logo as demais bandas começaram a fazer o mesmo, Asa de Água é um exemplo claro desta mudança, pois era uma das principais bandas de Axé Music e até então era marcada por ter uma relação muito mais forte com Axé e o Rock do que com o Samba, o vocalista Durval Lelis passou a substituir a guitarra por fantasias e começou a dançar no palco, apresentando a coreografia de suas músicas, esta banda ainda lançou várias outras canções do gênero como Dança do Vampiro, Dança da Tartaruga, Salvador Dalino, O Rei da Rua, dentre outros sucessos de rima simples, verso fácil e coreografias eróticas.

Se por um lado o ritmo ganhou uma sobrevida e voltou a estar presente na mídia, nos principais programas de televisão, por outro lado as críticas ao apelo sexual contidas nas letras também aumentaram, o ritmo cada vez mais popular fez com que os antigos apreciadores do Axé Music se afastassem da festa, artistas que antes faziam sucesso foram engolidos pelo novo estilo, Olodum, Margareth Menezes, Luiz Caldas, Daniela Mercury perderam espaço, o mercado com a mesma velocidade que dava espaço para as novas bandas e músicas do segmento Axé Music, também passou a descartá-los a cada nova dupla sertaneja que surgia ou a outros ritmos como Funk, Pagode, Calipso e o Pop, o Axé Music perdeu sua identidade cultural e assim perdeu seu núcleo de apreciadores fieis, o Axé Music passou a ter ouvintes de momento, interessados apenas pela música do verão, para ouvir durante os 4 dias de carnaval e logo em seguida esquecer a música e partir para outro ritmo.

A remodelagem cultural do estilo musical levou o Axé Music e conseqüentemente a Micarande a perder espaço entre os foliões, a festa se tornou comum e em várias cidades fora sendo extinta, Campina Grande não ficou fora deste processo e em 2008 teve sua última edição. Atualmente Campina Grande ainda apresenta resquícios da Micarande, quando em

Junho, o artista Bell Marques se apresenta no trio elétrico no bloco intitulado Namoradrilha, a festa ocorre em um único dia durante as festividades do São João ocorrida nesta cidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Micarande durante 20 anos foi uma das maiores referências culturais de Campina Grande, surgindo em 1989, a festa foi possibilitada a partir do vários aspectos que reunidos, fez surgir em Campina Grande, o primeiro carnaval fora de época aos moldes do carnaval baiano fora da Bahia. Fica evidenciado o caráter político do evento, o objetivo de consolidar o então promissor e jovem político Cassio Cunha Lima como o criador da festa, como também percebe-se claramente o desejo de ocupar o calendário da cidade com eventos que possibilitassem o acréscimo de renda para empresários e a população, já que o comércio da cidade não possuía mais a mesma pujança das décadas anteriores. Por fim, o ritmo escolhido, Axé Music, fora introduzido rapidamente no cotidiano dos campinenses, através de uma forte exploração midiática em programas de rádio e televisão, bem como por ter letras de fácil compreensão e ritmo envolvente.

A festa influenciou o cotidiano da cidade, modificou inclusive as demais manifestações culturais do campinense como o São João, introduziu gírias e novos artistas e ídolos ao convívio local, possibilitou também a introdução de novos hábitos e normas para o campinense, trazendo evidentemente um debate ácido entre os foliões e defensores da festa aos que defendiam a cultura tradicional da cidade e normas de comportamento balizadas na boa conduta tradicional das igrejas e escolas confessionais. O declínio da festa se deu em várias vertentes, o aumento da criminalidade, o desgaste natural do ritmo Axé Music, o desgaste político do grupo liderado por Cássio Cunha Lima e sobretudo, a diminuição da lucratividade do evento para com seus maiores investidores, empresários e comerciantes de maneira geral.

Através deste artigo, fica claro que o argumento simplório de que a Micarande acabou por uma mera perseguição política é inconsistente, não há um fator hegemônico, mas um somatório de fatores que juntos possibilitaram o fim da festa, da mesma maneira, que a criação da festa não se deu apenas por questões políticas, mas sim já havia uma forte pressão de empresários e da própria população pela criação de um evento que pudesse além de ocupar o calendário do primeiro semestre, que pudesse principalmente trazer recursos e turistas para

Campina Grande, ideário este surgido a partir do sucesso do São João, é a partir da consolidação da festa junina, que Campina Grande passa a vislumbrar no turismo sua mais nova maneira de adquirir recursos e suprir as dificuldades do oscilante comércio local.

AXÉ BAHIA – MICARANDE, THE CARNIVAL BAIANO IN CAMPINA GRANDE (1989-2008)

ABSTRACT

This work has as its theme one of the most remarkable festivities in the history of the City of Campina Grande between the 20th and 21st centuries. Micarande began in 1989 still in the management of the then mayor Cássio Cunha Lima and resisted exact years until the administration of Veneziano Vital do Rêgo in 2008. The objective of this work is to present the reasons why Micarande, micareta of Campina Grande - PB, managed to be introduced in the cultural and social scene of the city in the year 1989 by then Mayor Cássio Cunha Lima, as well as the reasons that led to its decline and end in the year 2008 in the administration of Veneziano Vital do Rêgo. In its specificities the work will point out the political conjuncture of the time that made possible the creation of the party, as well as the political intentions and how the party was used by the leaders of the time for electoral publicity. Finally, to make an analysis of the cultural and social changes suffered in Campin society, the influences on music, dress and other habits and norms of behavior, the constitution of the party, the political and economic moment that Campina Grande lived, and above of all, the cultural aspects that allowed the emergence of a typical Bahian feast on Paraíba soil, in addition to the main social and cultural changes left by the party. Seeking to make the path traveled by Micarande from moments that preceded its beginning, the constitution of the cultural myth belonging to Campina Grande, until the wear of the Axé Music rhythm and consequently of the party.

Keywords: Micarande, Campina Grande, Axé-music

5. REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Ed. 2, Portugal, DIFEL, 2002

CRISTOVAM, Francisca Kelly Gomes. **Campina Grande se veste com as cores da emoção e se mostra com a cara da alegria”: práticas do espaço e das artes de amar na festa da Micarande**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, 2012 – UFCG.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. Ed. 2, Campina Grande, EDUFPG, 2005

LIMA, Francisco Denilson Santos de. **A Micarande e suas Territorialidades: de Fábrica de Sonhos à Barbárie (Pós) Moderna**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2011 – UFPE.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural: entre práticas e representações**. Ed. 3, Belo Horizonte, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. Ed. 2, São Paulo, 2008

_____. *Napolitano, Marcos – A História depois do papel*.

SANTOS, Wagner Germiniano dos. **Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des)inventando festas e (re)inventando a cidade. 1965 – 2002**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, 2008 – UFPE.

SITES

<http://www.psdb.org.br/cassio-inaugurou-o-viaduto-elpidio-de-almeida/>

<http://rpscom.blogspot.com.br/2009/01/este-ano-micarande-no-acontecer-em.html>

<https://www.clickpb.com.br/paraiba/empresarios-campinenses-pedem-o-fim-da-micarande-1250.html>

<https://www.wscom.com.br/blogdowaltersantos/a+micarande+o+fenart+e+exaustao-3629>

<https://stj.jusbrasil.com.br/noticias/118945/empresa-tera-de-indenizar-pais-de-jovem-morto-em-bloco-de-micareta>

<https://www.terra.com.br/diversao/arte-e-cultura/danca/axe-30-anos-quais-coreografias-voce-dancou-mais.31bf9c3fc10160361d61b55ee2f2d584tyvvRCRD.html>

<https://www.suapesquisa.com/historia/dicionario/populismo.htm>